

A IDADE DA RAZÃO

Boas e más experiências de quem veio de longe para viver a aventura de inventar a cidade

COISA DE JAPONÊS

Há três décadas, o trabalho diário da colônia nipônica faz de Vargem Bonita a maior horta de Brasília

Ricardo Mendes

"Loteia essa área e põe uns japoneses para plantar verdura." A frase, atribuída ao então prefeito de Brasília, Israel Pinheiro, explica bem como nasceu a agrovila de Vargem Bonita, em 1960. Quem se recorda dela é o agricultor Kiyohide Uema, 59 anos, o pioneiro no cultivo do brejo que se tornou o primeiro núcleo rural da nova capital. Situada a 25 quilômetros do Plano Piloto, próxima ao Park Way, Vargem Bonita responde hoje por 70% das fôlagens consumidas no DF.

Embora 45 dos 57 produtores da região sejam descendentes de orientais, a maior parte dos quase dois mil moradores da agrovila não possui olhos puxados. Parte deles é composta de 40 famílias de trabalhadores rurais que aguardam da Fundação Zoobotânica a entrega de lotes para que passem a morar em suas próprias terras. Outra parte é composta por cerca de 300 pessoas que, por não terem onde morar, estão construindo seus barracos em áreas de preservação ambiental. Solução de emergência para o problema da moradia, as invasões ameaçam os recursos hídricos da região, como o ribeirão Gama. A destruição das matas ciliares permite o depósito de detritos nos rios e, se não for revertida, vai provocar erosão.

Mas se o verde das matas está ameaçado o do plantio vai muito bem. As 57 chácaras da região lotadas de hortas, medem, cada uma, quatro hectares — ou quatro campos de futebol. Os técnicos da Emater, órgão oficial de apoio à produção rural, elogiam a alta produtividade de Vargem Bonita, que abastece o DF de alface, couve, cheiro-verde, brócolis e outras verduras. No entanto, a maior parte dos lucros não fica com o produtor. "Nós vendemos um maço de cheiro-verde por CR\$ 100 para o atravessador, que revende por CR\$ 400 para o supermercado, que põe o preço que quer", reclama o senhor Uema, mais conhecido como "seu Isidoro".

"Produzir é fácil, comercializar é que é difícil", concorda Elias Simão, um dos poucos produtores de pele morena e origem brasileira. Ele é presidente da Associação de Moradores, que arregimenta mão-de-obra para a comunidade. São mecânicos, carpinteiros, marceneiros e outros profissionais que não plantam, mas prestam serviços para quem cultiva. E serviço é o que não falta ali. Foram necessários muitos braços para construir o Centro de Ensino e o Posto de Saúde, erguidos em mutirões. Vargem Bonita abriga ainda uma agroindústria, que produz medicamentos e cosméticos a partir de ervas medicinais cultivadas na região.



"Seu Isidoro" foi o 1º a chegar

FOTOS: JEFFERSON RUDY



PATRIARCA

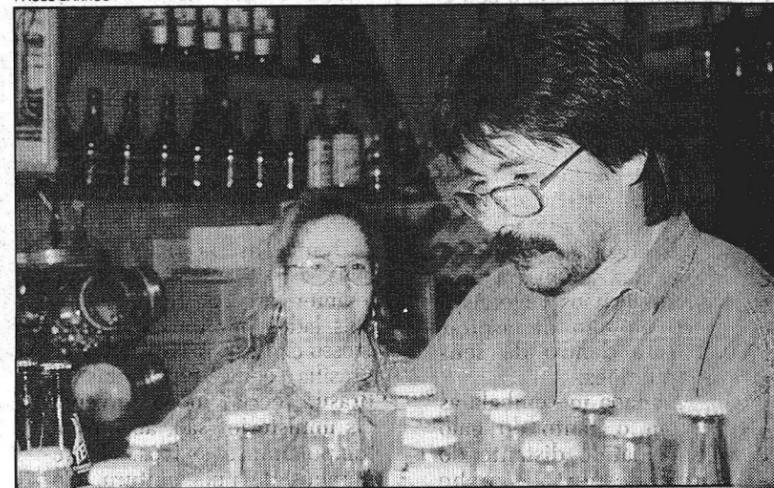
Todos em Vargem Bonita conhecem ou já ouviram falar de "seu Isidoro". Esse é o apelido de Kiyohide Uema, 59 anos, o produtor mais antigo da região. "Isto aqui não prestava, era um brejo que só dava capim barba-de-bode", recorda Uema, o mais velho de uma família de oito irmãos, filhos de um casal de japoneses que chegou em São Paulo em 1934. No ano seguinte, nasceu Kiyohide, que veio para cá em 1957 para trabalhar como operário na construção de uma rodovia. Em 1958, voltou para São Paulo e em 1959 convenceu o clã dos Uema a se mudar para a nova capital, onde vive até hoje.

Memória viva da agrovila, seu Isidoro diz que o governo "gastou uma fortuna" na virada da década de 50, para transformar as terras alagadiças do varjão em área agrícola, sem resultado. O milagre desejado por Israel Pinheiro só ocorreu com a chegada dos colonos japoneses, que se estendeu pela primeira metade da década de 60. Quase todos vieram do interior paulista, mas em 1962 chegaram nove famílias vindas diretamente da ilha de Okinawa, no Japão, e se estabeleceram no local.

Acendendo um Mild Seven, cigarro de fabricação japonesa, seu Isidoro lembra que as dificuldades eram muitas, principalmente porque, ao contrário do que foi prometido em convênio, a Terracap não fornecia o maquinário exigido para domar o cerrado. Para superar os obstáculos, foi muito importante a solidariedade entre os colonos, diz Uema.

COISAS DO AZAR

PAULO BARROS



Euzimar: "Trabalho até 16 horas por dia, mas já houve tempo pior"

Os primeiros filhos de uma cidade livre

Fátima dos Santos

Da Sucursal de Taguatinga

No começo eles eram poucos. Bebês, criancinhas de colo que chegavam à cidade acompanhando os pais, pioneiros que ajudaram na construção de Brasília. Hoje 34 anos depois de inaugurada a capital, eles estão em toda a parte. Se tornaram empresários, profissionais liberais, donas-de-casa, funcionários públicos, artesãos e artistas. Os filhos dos pioneiros também já tiveram filhos e sonham com um futuro melhor para eles, com mais facilidades e me-

nos discriminação.

Como quase tudo em Brasília, os primeiros filhos da cidade também estão divididos por setores. No Plano Piloto, Lagos Sul e Norte vivem os que tiveram a sorte ao seu lado. São os filhos dos que conseguiram crescer e progredir com a cidade e hoje determinam o jogo. Nas satélites e assentamentos estão os filhos dos construtores, aqueles que colocaram a mão na massa. Entre eles a semelhança de história da infância. O que os filhos dos pioneiros esperam de Brasília?